

Sobre tio Freud, Neném Prancha e a roubalheira brazuca

claudio_tognolli

Claudio Tognolli

20 de maio de 2015

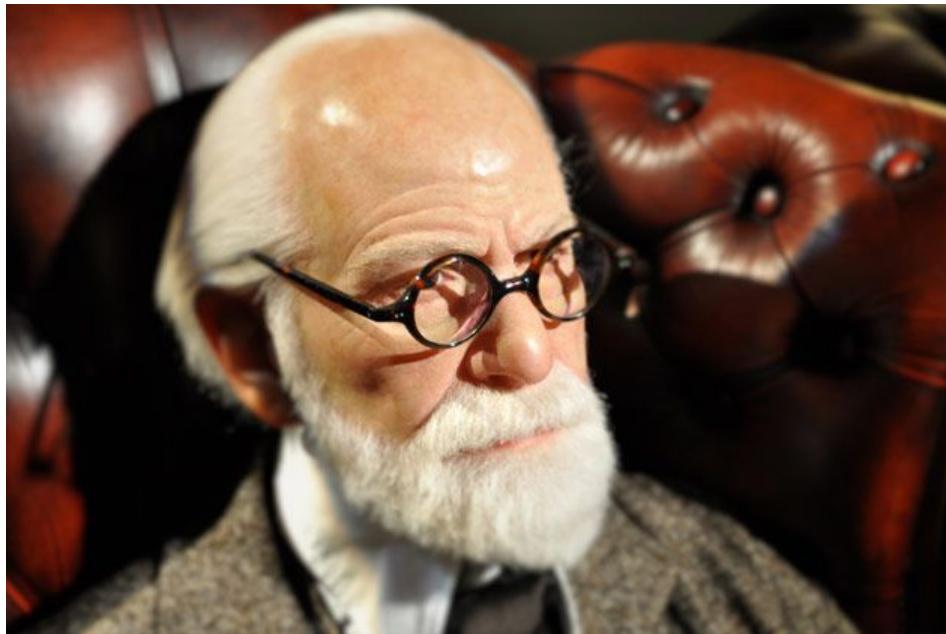


Imagen: Flickr/János Korom Dr.

Em *Traumdeutung*, “A interpretação dos sonhos”, Freud apresenta a noção de *deslocamento* como um mecanismo essencial para a elaboração dos sonhos. Freud os aplica-os à formação de sintomas, de atos falhos, de ironias, de esquecimentos. Em suma: desloco quando lavo a roupa suja em outro lugar...

Pelo deslocamento uma quantidade de afeto se desliga da representação inconsciente, à qual estava atada, e vai ligar-se a uma outra, que só tem com a precedente laços de associação pouco intensos, adventícios, tênues. A fatura é espetada em outra conta.

Diz Freud “Os pensamentos do meu sonho, explica Freud, eram injuriosos para R.; para que eu não o note, são substituídos pelo seu oposto, a ternura”. Tio Freud dá

também exemplos do quotidiano: o apego de uma solteirona por animais, a paixão de um solteirão pelas suas coleções, o ardor do soldado na defesa de um bocado de pano colorido, a bandeira, a fúria de Othelo por um lenço perdido.

Essa coisa chamada ser humano desloca para outros lugares a execução das faturas, digamos, nada potáveis para a existência.

O que a gente não engole e não suporta, a gente desloca: simples assim.

A ideologia faz uso, aos magotes, de deslocamentos.

Inglaterra do século 19, no início da Revolução Industrial, trabalhava-se 16 horas por dia. A média de habitação era de 26 pessoas por casa. Em 1821 um trabalhador lograva 16 *shillings* por semana, dez anos depois eram apenas 6*shillings*. A esperança de vida era inferior a 40 anos.

As condições de saúde e infraestrutura eram abjetas. Veio a tuberculose em massa. O *Times* londrino satanizava em suas manchetes o Bacilo de Koch: ele era o monstro a gerar tudo aquilo. O *Times* londrino tirava a culpa da falta de condições sociais dadas aos migrantes do campo e metia a culpa no pobre bacilo.

Deslocou-se a culpa ao bacilo.

Nazistas, antes do massacrar judeus, fizerem seus primeiros balões de ensaio dizimando Testemunhas de Jeová, então batizados, enquanto cobaias do Holocausto, de “Triângulos Roxos”. Todo o caos econômico e social da República de Weimar (1918-1933) foi deslocado para crentes e judeus como “moeda de resgate” (o termo é Durkheim) de uma situação incontornável.

Maus governantes, quando não conseguem tourear a criminalidade, deslocam a culpa ao bandido. Não entra em discussão a falta de emprego que conduz ao crime.

Brasil

Finalmente chegamos ao maior deslocamento da história do Brasil. Seja o tucano Alstoniano e petroleiro, seja o petista mensaleiro e petroleiro, a culpa é lavada nos criminosos e delatores. Já falei aqui sobre quando a culpa é deslocada para os mortos:

<https://br.noticias.yahoo.com/blogs/claudio-tognolli/morrer-pode-ser-fatal-no-brasil-culpa-de-012159261.html>

Delatores delatando, petroleiros presos, a moeda de resgate exerceu o seu papel. Deslocou-se a culpa aos criminosos.

Mas a essência das coisas permanece: o *ethos*, a prática brasileira de virar político para poder roubar, e regatear cargos, segue incólume. O público aplaude a prisão dos culpados. E, deslocamento feito, nossos políticos seguem roubando. Afinal o público já foi toureado, tecnicamente, ao termos deslocado a culpa de tudo àqueles ora atrás das grades.

Agora: vejam o Tomasi di Lampedusa. Em seu livro // *Gatopardo*, por aqui chamado *O Leopardo*, ele definia o funcionário público, burguês e corrupto, como “o bigodudo dançando na fachada do palácio, no frontão das igrejas, no alto dos chafarizes, nos azulejos das casas”. E que esse tipinho se constituía no símbolo maior da opulência de uma nobreza que se via ameaçada pela mudança, pelos novos ventos da República.

No livro, o Príncipe de Falconeri notava:

“A não ser que nos salvemos, dando-nos as mãos agora, eles nos submeterão à República. Para que as coisas permaneçam iguais, é preciso que tudo mude”.

Não se iludam: parace que algo mudou no Brasil com as prisões dos bandidos. Mas as coisas apenas foram deslocadas para eles. Basta lembrar quantos cargos e

nomeações o PMDB acertou como o governo para poder apoiar a nomeação do ministro Fachin.

A estrutura segue: rompante em suas roubalheiras, ágil em seus delocamentos. E, sobretudo, feliz por que 50 gatos pingados foram para a cadeia para que ela possa seguir roubando...

Ou como diria o técnico de futebol Neném Prancha: “Quem pede, recebe: quem se desloca, tem preferência”

Leia também:

<https://br.noticias.yahoo.com/blogs/claudio-tognolli/conta-do-vigario-a-culpa-e-do-ebola-da-dengue-e-173717192.html>

<https://br.noticias.yahoo.com/blogs/claudio-tognolli/petrolao-para-que-as-coisas-permanecam-iguais-171043304.html>